

OS MÉTODOS DE FORMAÇÃO DO CÃO DE DETECÇÃO NO BPCÃES, VISANDO O COMBATE AO NARCOTRÁFICO

DETECTION DOG TRAINING METHODS AT BPCAES, WITH AIM TO COMBAT DRUG TRAFFICKING

Bruno Bernardes da Silva

Adelni Fernando de Souza

RESUMO

O combate ao narcotráfico sempre foi um problema recorrente e que causa inúmeros problemas na sociedade, como no aspecto da saúde, corrupção, violência e etc. Para tanto, a Polícia Militar de Goiás, através do Batalhão de Policiamento com Cães (BPCÃES) utiliza-se de ferramentas alternativas para esse combate, que no caso do presente artigo será o uso do cão de detecção. Para tanto, através de revisão bibliográfica e pesquisa de campo com entrevistas a policiais militares do referido batalhão, foi possível: traçar os principais métodos utilizados para formar o cão de detecção; demonstrar os critérios de seleção mais adequados para o cão exercer a atividade de detecção; apresentar a doutrina do BPCÃES no que tange a utilização das atividades de detecção e analisar o crime de tráfico de drogas, propiciando assim a análise da importância do cão de detecção para combater esse ilícito.

Palavras-chave: BPCÃES. Cão de detecção. Formação. Narcotráfico

ABSTRACT

The fight against drug trafficking has always been a recurring problem that causes numerous problems in society, such as health, corruption, violence, etc. To this end, the Goiás Military Police, through the Dog Policing Battalion (BPCÃES), uses alternative tools for this combat, which in the case of this article will be the use of detection dogs. To this end, through bibliographical review and field research with interviews with military police officers from the aforementioned battalion, it was possible to: outline the main methods used to form the detection dog; demonstrate the most appropriate selection criteria for the dog to carry out the detection activity; present the BPCÃES doctrine regarding the use of detection activities and analyze the crime of drug trafficking, thus providing an analysis of the importance of the detection dog to combat this illicit activity.

Keywords: BPCÃES. Detection dog. Training. Drug trafficking

1. INTRODUÇÃO

O principal propósito deste artigo é fornecer um amplo conjunto de conhecimentos cinotécnicos, que, sem dúvida, contribuirão significativamente para diversas missões da Polícia Militar, com foco especial nos métodos de formação de um cão de detecção, especificamente os cães treinados para farejar entorpecentes e combater o narcotráfico.

A utilização desses animais na repressão às drogas é de extrema importância. Isso ocorre porque, com poucas exceções, é muito difícil para os policiais envolvidos no combate ao tráfico de narcóticos identificar com precisão algum tipo de droga com base na visão, no gosto ou no olfato, ou mesmo por meio de um simples teste. Sem dúvida, a identificação precisa é alcançada por meio de análises laboratoriais. No entanto, em um primeiro momento, é a notável capacidade olfativa dos cães que nos permite detectar uma substância entorpecente específica.

A utilização de cães treinados como um recurso de apoio às forças policiais tem raízes que remontam ao século XIV na Europa, sendo documentado seu emprego em operações de patrulhamento, nesse período, na França. Essa prática se difundiu em nações vizinhas, como Bélgica, Holanda e Inglaterra, e posteriormente se estendeu por toda a Europa e Estados Unidos, culminando na criação dos K-9, um renomado programa de policiamento canino nos Estados Unidos (GUERRA, 1996).

Nos países com organizações policiais altamente tecnológicas, o uso de cães é uma prática indispensável nos dias de hoje, devido ao nível avançado de treinamento alcançado e à confiabilidade que eles proporcionam. No Brasil, a introdução do emprego de cães na polícia teve início nas décadas de 1940, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Atualmente, no estado de Goiás, especificamente na PMGO, o Batalhão de policiamento com cães (BPCÃES) atua fortemente em apoio a outros batalhões dentro da instituição, com grande enfoque no combate ao narcotráfico.

A tarefa cinotécnica relacionada à detecção de drogas pode ser considerada desafiadora e requer um investimento de tempo considerável. No entanto, os resultados obtidos são extremamente gratificantes para o treinador, especialmente quando o cão é empregado em situações reais e consegue eficazmente identificar os odores desejados. O cão demonstra todo o seu potencial por meio de sua linguagem corporal durante uma busca ou treinamento específico.

Dessa forma, neste artigo, serão apresentados os métodos de formação do cão de detecção dentro do BPCÃES da Polícia Militar, visando, especialmente, o combate às drogas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Doutrina BPCÃES

Para operação com os cães de detecção dentro do BPCÃES há de ser observado os procedimentos presentes em doutrina específica, que demonstra o procedimento operacional padrão da unidade. Conforme a Portaria nº 17.543, de 28 de março de 2023, que aprova o Regimento Interno e a Doutrina Do Batalhão de Policiamento com Cães (BPCÃES), nas operações de detecção de **entorpecentes**, armas e munições, como **orientações gerais**, a equipe pode ser mobilizada para essas situações por meio da execução de mandados de busca e apreensão ou em operações planejadas pela K2, P/3, em apoio a outras unidades da PMGO e agências de segurança pública. Essas buscas podem abranger uma variedade de locais, como veículos, residências, edifícios, propriedades rurais, aeronaves, prisões, rodoviárias, aeroportos, entre outros, e devem seguir as seguintes diretrizes: a) O cão deve ser controlado por um guia e usar um colar de elos, que pode ser substituído por uma coleira de couro ou nylon de espessura maior no momento da ação do cão. b) O cão geralmente será mantido com guia, mas pode ser liberado da guia em ambientes controlados onde não haja risco de fuga ou perigo ao animal. c) Se substâncias ou objetos forem encontrados, o Auxiliar do Condutor será responsável por relatar imediatamente ao 1º Homem (Comandante da equipe) antes de retirar os materiais. d) Caso nenhuma substância alvo seja localizada, será estabelecido um ponto de odor para recompensar o cão, a fim de manter o estímulo do animal, especialmente em buscas prolongadas. O Condutor avaliará a necessidade de realizar a recompensa no local da ocorrência ou em outro local. e) Quando acionada, a equipe deve seguir as orientações do Comandante da Equipe para preservar o local, conforme as diretrizes estabelecidas na POP 507, evitando a contaminação da fonte de odor. f) Em operações de detecção, pelo menos dois (02) cães de detecção devem ser mobilizados, sendo que o cão mais experiente deve ser empregado por último.

Quanto ao **apoio de faro** solicitado por outras unidades, no local da ocorrência, o comandante da equipe iniciará o contato com o Comandante da equipe solicitante ou o policial encarregado da operação, coletando todos os dados essenciais. Após adquirir um entendimento completo da situação, o Comandante, em conjunto com o 1º e 2º Condutores, procederá com

uma inspeção de segurança e elaborará um plano de busca. O Comandante acordará com o Comandante da equipe solicitante que apenas um policial dessa equipe permanecerá no ambiente a ser investigado, a fim de não prejudicar o trabalho do cão. Em circunstâncias excepcionais, e se for viável, o Comandante poderá autorizar o proprietário a acompanhar a busca, desde que permaneça em silêncio e em um local específico designado pelo Condutor. O Comandante questionará o morador, proprietário ou seu representante sobre a presença de objetos de valor ou ilícitos no interior do imóvel. Caso existam, esses itens devem ser entregues ao Comandante da equipe responsável pela ocorrência, na presença do proprietário. Se as portas e janelas estiverem fechadas, elas devem ser abertas durante a inspeção de segurança para permitir a dispersão dos odores e a circulação do ar. Em seguida, devem ser fechadas novamente para que os odores se renovem, facilitando a localização da fonte de odor pelo cão. O 1º Condutor conduz o cão com um colar de elos e permite que o cão faça suas necessidades, enquanto o 2º Condutor, atuando como auxiliar, providencia a coleira e o material de treinamento. Inicialmente, a busca deve ser realizada no sentido horário, começando pela porta de entrada e progredindo em direção ao centro do ambiente, com o cão em liberdade. Posteriormente, o Condutor guiará o cão para áreas específicas que requerem maior atenção, como guarda-roupas e armários. Os Condutores e Auxiliares devem estar atentos às indicações do cão, incentivando-o sempre que ele se distrair e separando-o de objetos grandes que possam estar presentes no local para facilitar seu trabalho. Locais elevados que o cão não consiga alcançar devem ser verificados pelo Auxiliar após a retirada do cão do ambiente, caso não tenham sido marcados. Se o cão marcar algum local, toda a área dentro de um raio de aproximadamente 2 a 3 metros deve ser minuciosamente investigada, levando em consideração o comportamento das células de odor. Após a utilização do primeiro cão, o segundo Condutor deve empregar o cão mais experiente, com a assistência do primeiro Condutor.

Outro procedimento bastante adotado pelo BPCÃES é o feito em **ônibus interestadual**. Após a abordagem, o processo seguirá da seguinte maneira:

A) O Comandante da Operação solicitará ao motorista que desligue o veículo, desligue o ar-condicionado e abra os compartimentos de bagagem.

B) Os passageiros serão desembarcados, e suas bagagens serão organizadas de forma sequencial, a uma distância e intervalo ideais para permitir que o cão passe duas vezes pela bagagem sem qualquer dúvida, seguindo o plano de busca.

C) O quarto membro da primeira equipe realizará a busca com o primeiro cão de detecção, com auxílio do terceiro membro da mesma equipe. Enquanto isso, o quarto membro

da segunda equipe já preparará o segundo cão para ser empregado.

D) A busca começará pelas bagagens de mão, avançará para o compartimento de bagagens e a parte externa do veículo, e, em seguida, passará para o interior do veículo abordado.

E) No interior do ônibus, o cão será direcionado em direção ao banheiro ou à última poltrona ao fundo do ônibus. A varredura será feita em ziguezague no piso, assentos, encostos, cortinas e compartimentos de bagagem no teto, terminando a busca na cabine do motorista.

F) Após a conclusão do trabalho com o primeiro cão, o quarto membro da segunda equipe iniciará o trabalho com o segundo cão, com auxílio do terceiro membro da primeira equipe.

G) Em operações em rodoviárias ou postos policiais em rodovias, a função de condutor do cão de detecção pode ser realizada por qualquer outro membro da equipe em regime de revezamento.

H) Ao final da abordagem, os passageiros retornarão aos seus assentos com suas bagagens de mão. Os cães serão recolocados em seus veículos pelos condutores, enquanto os outros membros da equipe acomodam novamente as bagagens no compartimento do ônibus.

I) É importante que o policial militar tenha em mente que demonstrações excessivas de força podem desencorajar reações adversas. Por exemplo, a imposição de voz, o uso de armas longas, a presença do cão detector e um grande número de policiais podem ter esse efeito. Um confronto dentro de um ônibus pode resultar em graves consequências e prejudicar a integridade física de terceiros inocentes.

J) Em conformidade com os critérios técnicos do cão e considerando a segurança, o Comandante da Operação poderá realizar a busca com os passageiros a bordo.

2.2. O Narcotráfico

O tráfico de drogas é caracterizado pela comercialização de substâncias ilícitas, constituindo-se, portanto, em uma atividade ilegal. A receita gerada por essa venda é notavelmente elevada, conforme um estudo conduzido pela Organização das Nações Unidas (ONU), que estima um faturamento anual de 400 bilhões de dólares provenientes das drogas ilícitas. Esse montante representa aproximadamente 8% do comércio internacional, superando setores como a indústria automobilística e o turismo no Brasil.

Para ilustrar a lucratividade do tráfico de drogas, podemos considerar a produção da

cocaína como exemplo. Na Colômbia, um país responsável por 75% da produção mundial de cocaína, um quilo desse produto puro é comercializado por 1.500 dólares. Nos Estados Unidos, que abrigam o maior mercado consumidor de drogas, o quilo da cocaína é vendido por 25.500 dólares no atacado. Após passar por diversas etapas de processamento (conhecido como "malhação"), um quilo de cocaína chega a render 110 mil dólares nas mãos dos consumidores, representando um lucro de 108.500 dólares.

A matéria-prima para a produção da cocaína, a coca, é cultivada em larga escala em três países sul-americanos: Bolívia, Peru e, principalmente, Colômbia. De acordo com a ONU, essas nações respondem pela produção de aproximadamente mil toneladas de cocaína anualmente.

As drogas são distribuídas para os mercados consumidores de diversas maneiras, utilizando aviões, caminhões, carros, ônibus, barcos e outros meios. O transporte de grandes quantidades de drogas frequentemente ocorre por meio de contêineres, muitas vezes misturados com outros produtos como fumo, soja, arroz, entre outros. O mercado é vasto e continua crescendo a cada ano, com cerca de 5% da população mundial utilizando drogas ilícitas, sendo a maconha a mais consumida.

De acordo com um relatório sobre a Estratégia Internacional de Controle de Narcóticos, o Brasil é o principal exportador de drogas para os Estados Unidos. O país possui condições favoráveis para o narcotráfico, devido ao seu grande mercado consumidor (atualmente o segundo maior do mundo), sua posição geográfica estratégica para o transporte internacional de drogas e suas fronteiras com três dos principais produtores de cocaína e maconha. Aproximadamente 10% da receita do narcotráfico permanece em território brasileiro.

Além da venda de substâncias ilícitas, os narcotraficantes estão envolvidos em atividades como roubo de veículos, assaltos a bancos, ataques a caixas eletrônicos, tráfico de armas, tráfico de crianças, tráfico de órgãos humanos, exploração sexual, pornografia infantil, sequestros, lavagem de dinheiro, financiamento de campanhas políticas, entre outros.

Apesar de ser uma atividade altamente lucrativa, o narcotráfico, como qualquer atividade ilegal, está associado a um alto número de homicídios e prisões. Estima-se que 20% da população carcerária brasileira esteja envolvida com o tráfico de drogas, sendo que entre as mulheres detidas, essa proporção é significativamente maior, chegando a 60% das presas. (FRANCISCO, 2023)

2.3. A seleção do cão adequado para a atividade de detecção/faro de entorpecentes

Para Helfers, na seleção de cães para a detecção de entorpecentes em uma área específica, é fundamental considerar diversos aspectos cruciais, a saber: a raça, a idade e maturidade, o instinto de recuperação de objetos, bem como a compatibilidade e a intensidade do olfato. No que diz respeito à escolha das raças dos cães, essa decisão pode variar consideravelmente, dependendo das regiões geográficas, fatores ambientais e até mesmo da disponibilidade das raças em uma determinada área. A obtenção de uma raça ideal para a tarefa de farejar drogas requer que o animal apresente as características já mencionadas anteriormente, com ênfase na capacidade olfativa altamente apurada, associada a um desejo vigoroso de brincar e trazer objetos quando solicitado pelo adestrador. Praticamente todas as raças esportivas de cães se encaixam nesse perfil comportamental mencionado. Entre as raças que predominam nessa área, destacam-se o Labrador Retriever, o Golden Retriever e o Pointer Alemão. Além dessas raças, cães comumente empregados em serviços policiais, como o Pastor Alemão e os Pastores Belgas de Malinois, também desempenham um papel fundamental na detecção de drogas ilícitas. (HELFERS, 2005)

Já para Apregoa Silveira, Na escolha de um cão de faro adequado, independentemente de sua raça, é essencial que o animal apresente algumas características comportamentais fundamentais: **Possessividade**, um bom cão de faro deve ter um forte desejo de brincar e mostrar uma possessividade marcante em relação ao objeto que lhe é apresentado, como se esse objeto representasse uma presa real. É importante destacar que, aos olhos do cão, o ser humano é percebido como outro membro da matilha, um líder que deve ser visto como parceiro e companheiro. Isso possibilita que ambos compartilhem a busca e brincadeiras com um objeto em comum. **Espírito de Luta**: o cão deve demonstrar coragem e um espírito de luta notável, revelando disposição para enfrentar desafios e lutar para manter o controle sobre a "caça" (o objeto de busca). **Determinação**: a determinação está intimamente relacionada ao espírito de luta, pois o cão deve estar disposto a superar obstáculos e fazer todo o possível para recuperar a "presa", independentemente das adversidades que possam surgir. **Iniciativa**: um cão de faro eficaz deve ser altamente proativo e tomar a iniciativa sem depender excessivamente do adestrador. Essa característica implica em agir de forma independente e autônoma durante as operações de busca. **Socialização**: desde tenra idade, é essencial socializar o cão em diversas situações e ambientes. Isso permite que o animal adquira experiência no convívio cotidiano, seja exposto a diferentes ambientes, interaja com outras espécies de animais, conviva com outros cães e se familiarize com a presença de pessoas, entre outras experiências. A socialização

pode ocorrer desde a fase de filhote, por volta dos quatro meses, considerando a imunidade do animal. No entanto, há opiniões divergentes, afirmando que a socialização independe da idade, pois os locais em que os cães normalmente vivem também podem apresentar riscos de doenças. Essas características comportamentais são essenciais para que um cão de faro se destaque em suas funções e desempenhe eficazmente o trabalho de detecção de entorpecentes. (SILVEIRA, 2007)

3. METODOLOGIA

Na revisão bibliográfica será usada bibliografia que apresente o universo de informações do BPCÃES, do cão e do combate às drogas.

Nos resultados e discussões foram feitas pesquisas de campo. Para tanto, foram entrevistados Policiais Militares do BPCÃES a respeito dos métodos utilizados para treinar o cão de detecção na unidade. As informações da entrevista foram resumidas. Dessa forma, foi traçada uma linha de raciocínio em que foi possível identificar como o cão é formado e de que forma esse treinamento é eficaz na detecção de drogas, permitindo a possibilidade de combater o narcotráfico na área de atuação do batalhão.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1. Das entrevistas

Para entender quais são os métodos utilizados para formar o cão de detecção, desde filhote até sua atuação em serviço, foi feita entrevista com policiais do próprio Batalhão de Policiamento com Cães (BPCÃES), a fim de entender como funciona a formação do cão e o porquê ele é tão efetivo no combate ao narcotráfico. Abaixo, encontram-se as perguntas que foram feitas e na sequência suas respostas.

1. Nome completo e posto/graduação?
2. Quais raças são mais adequadas para cães de detecção de drogas com base na sua experiência no BPCÃES?
3. Como selecionar um filhote promissor e qual a idade ideal para iniciar o treinamento?

4. Quanto tempo em média leva para treinar um cão de detecção? Depois de formado, qual a periodicidade dos treinos?
5. Quais são as técnicas/métodos de treinamento mais utilizados pelo Sr(a). No batalhão? Utilizou algum autor ou métodos próprios? Indicaria algum livro ou artigo de métodos de formação do cão de detecção?
6. Como manter o alto desempenho do cão ao longo do tempo?
7. Pode nos contar sobre alguma ocorrência em que foi solicitado apoio do BPCÃES por outra unidade da PMGO? Quais drogas foram detectadas? Sem a utilização do cão seria possível achar a substância com a mesma efetividade?

4.2. Respostas da entrevista 1

1. Adelni Fernando De Souza, 1º Ten do BPCÃES
2. "A melhor raça para detecção é o Bloodhound, com mais de 450 milhões de células olfativas. Sem dúvida, é o melhor! No entanto, quando se trata de cães policiais, não seria recomendado, pois sua obediência é prejudicada. Portanto, considerando um cão de detecção policial, a raça escolhida seriam os pastores, com destaque para o Belga Malinois, devido à sua versatilidade como cão policial e resistência durante as operações."



(Bloodhound)



(Belga Malinois)

3. "A seleção do filhote começa com a observação familiar, ou herança funcional, avaliando seus pais e, se possível, os avós. Observando a linhagem de trabalho como promissora ou prejudicial. Após, segue a seleção dos filhotes na ninhada, com testes realizados com 48 horas de nascimento, observando as capacidades motoras e reflexos, bem como as condições neurológicas. Com 40 a 50 dias, os cães passam por uma bateria de exames (testes de valor) para identificar suas valências e destiná-los a trabalhos específicos. Neles, é possível observar se o cão terá coragem, persistência, foco ou medo e distrações. O treinamento começa desde o segundo dia de vida e se estende até 2 anos, onde o adestrador pode classificá-lo como apto ou inapto."

4. "Desde o início dos treinos, com 2 dias de vida, até a formação, que pode durar entre 18 a 24 meses, o tempo de formação. Depois de formado, o cão de detecção de substâncias deve treinar, no mínimo, 2 vezes por semana, com tempo de trabalho não superior a 15 minutos (1 a 3 meses de vida), 30 minutos (na detecção de drogas após 6 meses) e 2 horas (quando o treino envolve captura). Isso se deve a fim de não criar frustrações nos cães."

5. "As técnicas e métodos utilizados são bem particulares do adestrador e são testados por meio de tentativa e erro com os cães para verificar qual é a melhor resposta. Nenhum método é utilizado de forma única. No meu caso, a formação de cães é tradicional para obter obediência, utilizando punição por atos indesejados e recompensa por atos desejados. Também utilizo o método positivo na fase de associação, e aqui entram outras técnicas, como o clicker, método americano ou colombiano no comportamento do cão. Na fase de socialização e ambientação, apenas aplico o método positivo na observação. Assim, pode-se dizer que o método é próprio, mas com a observância de cada teoria já existente. Alguns livros recomendados sobre o assunto são: "A Cabeça do Cachorro" de Alexandra Horowitz.

"Adestramento Inteligente" de Alexandre Rossi."Cãologia" de Gustavo Agostini." Curso de Adestramento de Cães Farejadores" de Leomar Lunkes.

6. "Manter o treino constante, oferecendo sempre novidades de ambiente e odores, realizar bastante atividade física e ter uma vida saudável com boa alimentação, além de respeitar suas condições fisiológicas com o passar dos anos."

7. "Em apoio à Polícia Civil de São Simão, ao adentrar a casa de um traficante durante a busca policial, nenhum ilícito foi encontrado. Ao aplicar o cão para conferência em situação de droga enterrada, a cadela Isis (Labrador) puxou o condutor até o muro e sinalizou para o outro lote. Saímos desse lote e reaplicamos no local indicado pelo cão. A cadela levou a equipe até o final desta residência, onde se encontrava 1 kg de maconha que havia sido jogado pelo traficante ao perceber a chegada da polícia. Isso representou a primeira prova de rastro de odor no ar indicado pelo cão e garantiu a prisão do autor imediatamente. Em outra situação, acionados pela CPE de Aparecida de Goiânia, onde já haviam abordado um caminhão com cerca de 130 kg de maconha, ao trazer para a Polícia Federal de Goiânia, solicitou-se apoio dos cães. Ao utilizar o cão Iron (Pastor Holandês), este marcou na parte de baixo da carroceria. Toda a equipe se empenhou em localizar algo ilícito. Diante da marcação clara do cão, acionamos os bombeiros com maquinário de desencarceramento, e dentro da estrutura metálica foram encontrados mais 880 kg de maconha, totalizando uma tonelada de drogas."



(Cão Iron em apoio a CPE de Aparecida que acarretou na apreensão de 1 tonelada de drogas)

4.3. Respostas da entrevista 2

1. “Adelfo Estrela Neto, CB do BPCÃES.”
2. “Pastor Belga de Malinois.
3. “A seleção é feita, baseada em um teste chamado Teste de Volhard.”
4. “O tempo varia de acordo com a metodologia utilizada para o treinamento, assim como genética e raça do cão.”
5. “O método mais adotado por mim no BPCÃES é o método Colombiano, além de conhecimentos adquiridos com treinamento próprio. A respeito de indicar algum livro, não, mas seguimos a nossa doutrina própria de treinamento, na maior parte do tempo.
6. “Com treinamento constante e atividade física.”
7. “Já tiveram várias, como exemplo: drogas em fundo falso no caminhão, bagagem enterrada, escondida no telhado, dentro do ar-condicionado, etc. Dentre várias drogas detectadas, a maconha e cocaína foram bastante apreendidas. Sem o auxílio do cão poderia acarretar algum prejuízo para o abordado e para a equipe, uma vez que é com a sua ajuda que temos uma constatação mais eficaz que realmente ali encontra-se substância ilícita e que as barreiras podem de fato serem ultrapassadas ou danificadas, como cortar um carro ou fundo de um caminhão.”

4.4. Os principais impulsos (drives) que requerem a avaliação em um cão policial.

Aprofundando os conceitos e métodos apresentados nas entrevistas, com base no estudo da doutrina seguida dentro do batalhão, foi possível entender que a avaliação de um cão visa determinar a intensidade dos impulsos(drives) fundamentais necessários para um cão de trabalho, ao mesmo tempo que avalia seu temperamento e caráter. Esses impulsos são influenciados pela genética e aprimorados durante diferentes fases do desenvolvimento canino: a formação de caráter (imprinting) ocorre entre as idades de 3 a 7 semanas, a socialização entre 8 e 12 semanas, e a hierarquização entre 13 e 16 semanas.

Os principais impulsos (drives) que requerem avaliação em um cão policial incluem:

- Impulso de caça (Prey drive): Refere-se ao desejo do cão de perseguir objetos em movimento, agarrá-los e, por vezes, sacudi-los com a boca como parte de um comportamento típico de "matar a presa". Os filhotes demonstram esse impulso ao perseguir

uma bola ou brincar de cabo de guerra com um pano. Um cão com um alto impulso de caça busca sua presa com intensa determinação e energia, não desistindo facilmente.

- Impulso de presa: Envolve o desejo do cão de segurar o objeto com firmeza e não soltá-lo, muitas vezes associado a um comportamento de "saborear" a presa após a caça.
- Impulso de jogo: Reflete o desejo do cão de brincar e interagir com os membros da matilha, demonstrando entusiasmo ao chamar para brincadeiras ou aceitar convites para brincar.
- Impulso de defesa (defensive drive): Este impulso se manifesta quando o cão adota uma atitude combativa em resposta a uma ameaça percebida, buscando proteger-se.
- Impulso de luta (fight drive): Esse impulso combina a agilidade da caça com a intensidade da defesa, resultando no desejo do cão de iniciar uma confrontação com um oponente para demonstrar superioridade.
- Impulso de matilha: Envolve a capacidade do cão de viver em sociedade, relacionar-se e comunicar-se com outros membros da matilha. Um cão que demonstra um impulso de matilha sólido é mais controlável e responde prontamente ao seu condutor, estabelecendo uma conexão sólida.

Em relação à qualidade do impulso/drive, os cães podem ser classificados da seguinte forma:

- "MUITO ALTO": Exibe um impulso forte e expectativas elevadas.
- "ALTO": Apresenta um impulso vigoroso.
- "MÉDIO": Demonstrando calma e inabalabilidade.
- "BAIXO": Exibe um impulso fraco e inibido.

Ao analisar a qualidade de cada impulso individualmente e considerar o conjunto como um todo, é possível determinar qual função ou tarefa o cão desempenhará com maior excelência. E para a detecção de substâncias a campo todos os impulsos deverão ser de médio a alto.

4.5. Teste de Volhard

Antes que os cães sejam treinados e avaliados na fase adulta, os principais drives que indicam a formação de um bom cão policial, principalmente para a tarefa de detecção, devem ser bem selecionados ainda filhotes. O método apresentado nas entrevistas para o teste de

temperamento em filhotes é o Volhard e funciona da seguinte forma: O teste é realizado quando o cão atinge a idade de 49 dias, momento em que seu desenvolvimento neurológico está completo. Cada dia subsequente acrescentará influências do aprendizado anterior. Para realizar o teste, selecione um filhote de cada vez, garantindo que ele esteja em boas condições, ativo e gozando de boa saúde. Evite realizar o teste imediatamente após uma refeição, no dia da vacinação ou no dia seguinte. O teste deve ser conduzido em um ambiente tranquilo e desconhecido para o filhote, como um cômodo ou área de cerca de 4 metros quadrados, com um piso não escorregadio.

Além do examinador, que pode ser você ou outra pessoa não familiar ao filhote, é necessário ter um anotador de pontuação presente. O anotador deve observar a atuação do filhote, mas sem interferir nela, e discutir suas avaliações com o examinador antes de registrar os pontos.

Durante a aplicação do teste, é importante não assustar o filhote. Evite posturas ameaçadoras, gestos bruscos ou movimentos rápidos das mãos. Mantenha um tom de voz suave e seja delicado ao bater palmas. Se o cão não reagir positivamente a você ou demonstrar extrema ansiedade, afastando-se e ficando rígido, é possível que esteja desconfortável com sua presença. Nesse caso, tente criar um ambiente mais acolhedor para o filhote e considere reiniciar o teste em um momento posterior. Para a avaliação vale a primeira reação do filhote.

Os testes são:

1. Chamar (Atração por pessoas), indica: sociabilidade, treinabilidade.
2. Acompanhar (seguir liderança humana), indica: liderança humana.
3. Restrição (Facilidade de controle sob domínio físico), indica: submissão, treinabilidade.
4. Acariciar (Facilidade de controle pelo carinho), indica: independência, dominância, aceitação de proximidade de pessoas, treinabilidade.
5. Elevação (Facilidade de controle em situação de risco), indica: dominância, medo.
6. Buscar (Vontade de fazer algo pelo dono), indica: treinabilidade, interação com humanos, obediência.
7. Pressão na pata (Resistência à dor), indica: sensibilidade à dor.
8. Barulho forte (Reação a sons), indica: sensibilidade a ruído, medo.
9. Perseguir (Reação a algo que se move), indica: potencial para seguir pessoas, animais e objetos em movimento, bem como sensibilidade visual.

10. 10.Pegar de surpresa (Reação a situação inesperada), indica: estabilidade equilíbrio.

4.6. Métodos de Treinamento para a atividade de detecção propriamente dita

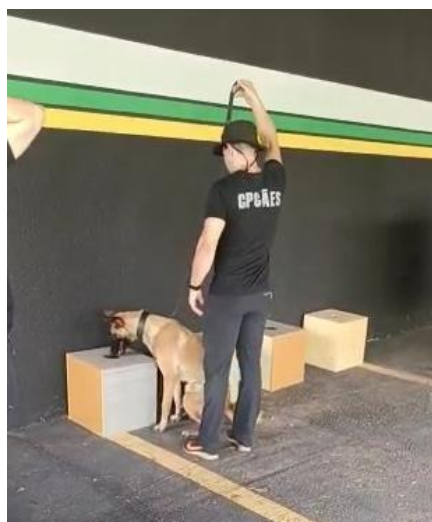
Quando escolhido o filhote que melhor apresenta as características de um cão policial, a partir da idade adequada, começam os treinamentos para formar um cão de detecção

Embora sejam utilizados os métodos colombiano ou americano de formação do cão de detecção, muito dos policiais do BPCAES utilizam métodos próprios que complementam a formação, caso dos entrevistados acima.

De forma geral, o treinamento funciona da seguinte forma, sendo adaptado por cada operador: Antes de iniciar o treinamento especializado para detectar drogas, os animais passam por um processo de socialização e aprendizado de comandos básicos, como responder ao chamado do policial e sentar-se. Isso é realizado, entre outras razões, para garantir que eles não representem uma ameaça para as pessoas nas ruas. O treinamento efetivo só se inicia quando o cão atinge a idade adequada. A partir desse ponto, ele é introduzido ao odor característico da droga, que é armazenada em tubos de PVC, mangueiras de borracha, caixas ou pequenas bolsas de lona impermeável, as quais se assemelham aos seus brinquedos habituais. Depois de o cão se familiarizar com o aroma de várias substâncias entorpecentes, os objetos que funcionam como "brinquedinhos" são ocultados para que ele os localize. A complexidade do exercício é gradualmente ampliada. Para simular as táticas de ocultação de cheiro adotadas por traficantes, os instrutores incorporam uma variedade de produtos com cheiro forte ao odor do entorpecente. Cada vez que o animal localiza a substância ilícita, ele é recompensado com elogios e carinhos por parte do treinador. Em situações em que o cão não tem sucesso, não sofre punições, mas se demonstra constantemente incapacitado de cumprir a tarefa, ele pode ser excluído do treinamento. Durante todo o curso, e sob nenhuma circunstância, o cão tem contato direto com a droga. No cenário real, o cão emprega os dois tipos de alerta que aprendeu. No alerta ativo, ele arranha e morde o local onde a droga está oculta, ou emite latidos para chamar a atenção do suspeito que carrega substâncias ilícitas. No alerta passivo, ele se posiciona junto ao local de ocultação da droga ou ao lado da pessoa suspeita, sentando-se ou deitando sob o objeto/pessoa. Observem nas imagens a seguir, como o cão de detecção do BPCAES senta-se ao lado da caixa ou em frente a um tubo de PVC e indica que ali encontra-se um tipo de substância utilizada nos treinamentos:



(Método de treinamento com caixas)



(Método de treinamento com caixas)



(Método de treinamento com caixas)



(Método de treinamento em tubo de PVC)



(Método de treinamento no Painel de Faro)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crime de narcotráfico tem uma relevância significativa em escala mundial, afetando países, comunidades e indivíduos de várias maneiras. No Brasil, tal delito gera impactos na saúde pública, na violência, na corrupção, no tráfico de armas e até impactos sociais.

Por isso a relevância de métodos importantes que combatam tal tipo de crime e a utilização de cães de detecção foi um desses apresentados no presente artigo. Portanto, foi preciso entender como esse sistema funciona dentro da Unidade Especializada de Policiamento com Cães.

Dentre os critérios de seleção adotados para escolher o cão mais adequado para exercer a atividade de cão policial foi possível concluir que se utiliza o teste de Valhord, aplicados ao canino ainda quando filhotes, com uma bateria de testes e pontuações que permitam analisar as mais variadas personalidades dentre todos os cães testados, permitindo assim aumentar as chances de sucesso ao treinar o cão de detecção futuramente.

Já no Batalhão de Policiamento com Cães (BPCÃES), através de entrevistas com Policiais Militares que trabalham na própria unidade, foi analisado que os métodos de treinamento para formar o cão com ímpeto policial para a atividade de detecção de drogas são, acima de tudo, os próprios, desenvolvidos através da experiência profissional, complementados com os métodos colombiano ou americano.

Depois de formar o cão para a atividade de detecção de drogas, ele será utilizado operacionalmente conforme a doutrina do BPCÃES, que prevê uma série de procedimentos padronizados, que vão desde a conduta do policial, equipe até a utilização adequada do cão nos mais variados ambientes.

É dessa forma, com todo esse treinamento e padronização, típico das organizações militares, que se pode combater o crime de narcotráfico com tamanha efetividade, esta demonstrada através das várias operações que o BPCÃES participa, como uma das mais recentes que ocasionou na apreensão por volta de 1 tonelada de drogas apresentas neste presente artigo.

Visto a efetividade do cão de detecção no combate ao narcotráfico, dado o treinamento e padronização estabelecido pelo BPCÃES, este artigo contribui para que essa área de estudos tenha mais um trabalho que apresente a relevância da atividade do cão de detecção,

para que fundamente ainda mais a decisão de grandes organizações na hora de direcionar investimentos específicos para o combate às drogas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

FRANCISCO, **Wagner de Cerqueira** e. "Narcotráfico"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/narcotrafico.htm>. Acesso em 04 de outubro de 2023.

HELPER, Fred. **REGRAS E DIRETRIZES DE CERTIFICAÇÃO PARA CÃES FAREJADORES DE NARCÓTICOS**. Polícia do Noroeste do Pacífico (Estados Unidos). 2005, p.07.

SILVEIRA, João Carlos da. **MANUAL DE CÃES FAREJADORE DE DROGAS**. Universidade do Estado de Santa Catarina/Udesc. Protocolo nº. 163/2007. 2007, p.03.

GOIÁS. Portaria nº. 17.543, 28 de março de 2023. **APROVA O REGIMENTO INTERNO E A DOCTRINA DO BATALHÃO DE POLICIAMENTO COM CÃES (BPCÃES)**. Polícia Militar de Goiás. 2023, p. 25 a 29.